

## Casa da Ínsua – Hotel de Charme



### Roteiro da Água

Esta sugestão de roteiro pretende realçar a importância da água no contexto da cenografia da Casa da Ínsua, toda ela teatral, exuberante e magnificente. Sem o carácter espectacular que atingiram as fontes italianas, podemos dizer, no entanto, que também em Portugal era tido como muito importante o contributo da água nestes núcleos apalaçados. Também na Casa da Ínsua se pode admirar esse contraponto essencial, funcionando como processo de relacionamento entre o homem e a vida, entendida esta em termos de permanente representação.

A evolução do conceito da água usado como elemento decorativo liga-se à própria concepção de natureza e acompanha também as mudanças que a casa, e a vivência social que encerra, foi sofrendo ao longo dos tempos. Aqui, o ponto de viragem deu-se com o Renascimento, quando a área ajardinada da casa se amplia e, simultaneamente, a habitação ganha um maior número de aberturas, janelas e varandas, permitindo uma superior fruição da natureza. Então multiplicam-se os lagos, os tanques, as fontes, os pequenos recantos, como resultado dessa dessacralização da natureza.

Na Casa da Ínsua, um passeio subordinado à descoberta do tema da água tem início no **Pátio do Chafariz**, onde um harmonioso fontanário, da autoria do veneziano Nicola Bigaglia, é o centro das atenções. Quatro bicas lançam a água para as taças colocadas num plano intermédio e estas, por sua vez, derramam o líquido no reservatório de água na base. A forma deste reservatório acompanha o desenho das taças criando uma linha de contorno dinâmica, interrompida por saliências e reentrâncias. A água que aqui chega está integrada num complexo e vasto sistema de minas, galerias subterrâneas e aquedutos que alimenta toda a quinta, as suas fontes e os espelhos de água.

Seguindo para o torreão norte da Casa da Ínsua, descobrimos, num pequeno recanto ajardinado, um marco **Fontanário** assinado pelo mesmo arquitecto. Marcado por um monstro marinho de cuja boca jorra água quando se lhe mexe na cauda, produz um som rumorejante que completa a definição lúdica do local.

Deambulando pelos jardins convive-se com a notória preocupação de preservação e ampliação dos aspectos paisagísticos através da distribuição de fontes e tanques pelos vários espaços. Bancos de pedra alternam com estas fontes, convidando ao intimismo e à fruição sonora e visual do espectáculo aquático.

O **Jardim Francês** destaca-se pela exuberância geométrica dos seus traçados. Dividido em dois terraços, unidos por escadas com corrimão de pedra espiralada, de carácter eminentemente céptico. Sebes de buxo, desenhando formas complexas (cornucópias, leques e jarras), definem canteiros que exibem uma sucessão ininterrupta de flores com cores diferentes ao longo do ano, pensadas para serem admiradas das varandas fronteiras.

No lago central do **Jardim Francês**, o ex-libris da Ínsua, a **Flor de Lótus**, planta aquática da família das ninfeáceas. É conhecida também por lótus-egípcio, lótus-sagrado ou lótus-da-índia, sendo nativa do sudeste da Ásia. Possui flores brancas, é cultivada com fins de ornamentação e distinta por cada flor durar apenas 24 horas. É venerada em todo o mundo, por ser considerada representativa do símbolo máximo da pureza espiritual.

À sua volta distribuem-se as centenárias cameleiras e roseiras, plantadas por volta de 1840, que dominam grande parte do jardim e assumem grande protagonismo. São consideradas duas das flores mais belas, motivo ancestral de inspiração de poetas e compositores. Rosas ou Camélias, quais delas as mais belas? As flores possuem um simbolismo próprio, que nos induz sensações apaziguadoras, sendo difícil resistir à pausada contemplação de um belo cenário floral.

No programa iconográfico do conjunto ajardinado, definido como um verdadeiro “compêndio do mundo”, o **Tanque do Cisne** apresenta-se à fruição do visitante como um autêntico espelho de água, onde é possível admirar a natureza na sua plenitude. Demorar-se um pouco por estas paragens e deixar-se contagiar pela calma deslizante que orienta a forma de nadar dos patos, que por ali se passeiam, constitui um especial deleite para os sentidos.

Seguindo em frente, até à zona da **Casa da Nora**, encontramos exemplos de poços para obter o precioso líquido, noras para o trazer à superfície e tanques para o armazenar. São imagens que pertencem ao imaginário de todos.

A construção de um poço mobilizava saberes ancestrais, desde logo pela escolha do local; da mesma forma, o revestimento a pedra dos poços implicava especialistas, pois a consolidação era importante para que durassem muitos anos e preservassem a água. No topo, instalava-se um engenho mecânico, a Nora, composta por um sistema de engrenagens que transformava os diferentes movimentos, desde a rotação do pau, (feito pelo homem, ou mais habitualmente por animais - o típico burro) até aos alcatruzes, num processo que trazia a água à superfície e a partir daqui era canalizada para os diferentes meios de rega ou de consumo da água.

A partir deste cruzamento poderemos aceder à **Fonte dos Amores**, local de idílicos encontros, ou à **Fonte do Eiteiro**, evocativa de outras histórias, este local presta a sua homenagem às origens da Casa da Ínsua.

Tomando agora como ponto de referência o **Cruzamento das Quatro Virtudes** e seguindo pela **Rua Camila de Faria** no sentido do **Painel de Santo António**, pode-se usufruir da faustosa vivência dos espaços, da frescura dos seus recantos e das várias espécies botânicas dispostas nestes contextos.

No meio do percurso encontra-se o **Lago dos Jarros**, rodeado de vários vasos decorativos em pedra, que contêm plantas vindas do Brasil e estão assinados por Bigaglia e datados de 1898. Um pouco mais à frente, descobre-se o encanto das águas que caem da **Cascata** e alimentam o **Tanque dos Tijolos**. Perto também, a **Fonte do Menino** é outro local de encantamento. A linguagem destas fontes enquadra-se dentro de uma formalidade de linhas que pretende surpreender o visitante e o contagia pelo seu espírito poético.

Nesta área, reconhecemos o que resta da centenária **Fábrica de Gelo**, que podemos incluir neste roteiro por também ela fazia uso do líquido precioso: a água. Nas vizinhanças desta identificamos a **Fonte do Leão** e, ao lado, um dos acessos às compridas galerias subterrâneas que integram o complexo sistema hidráulico da quinta.

Este centenário sistema hidráulico, constituído por minas, óculos, galerias e reservatórios subterrâneos, caleiras, canais de superfície e levadas, poços, tanques, lagos, fontes e cascatas, sempre foi o suporte das vivências quotidianas e da produção de toda a Quinta e era visitável através de uma extensa rede de galerias subterrâneas.

As águas têm origem em quatro minas, quatro poços e uma ribeira.

A **Mina dos Arvelos**, garantia o abastecimento do Solar e do **Lago da Mata**, com o comando em duas torneiras embutidas em caixa subterrânea, que controlam o reservatório localizado junto da **Casa do Guarda Mata**, com a característica especial de que, sempre que o reservatório enchia totalmente, brotava água pela boca da serpente, junto ao **Lago da Ilha**. A partir do **Lago da Ilha**, a água é conduzida até à **Cascata** por um aqueduto em pedra; A **Mina de Santa Ana** abastece o **Tanque dos Tijolos** e fica situada nos terrenos da Ínsua em que hoje está a Escola Básica; A **Mina da Quinta**, com início na Mata, abastece o **Tanque das Lavadeiras**, a **Cascata** e o **Lago do Jardim Inglês**. À saída do **Tanque das Lavadeiras** junta-se, por uma caleira subterrânea, a água que vem do **Lago dos Nenúfares**, seguindo para os pomares ao longo do corredor dos citrinos; Existe ainda uma quarta mina que está hoje desactivada e que se localiza no interior da Mata.

Para além das minas estão identificados quatro poços, três em granito e um em anéis com escada de ferro. O **Poço da Vinha** é o que abastece o sistema de rega de pomares e vinha. A água deste poço é armazenada em reservatório subterrâneo, junto ao **Lago da Ilha**, passa depois para o lago e daí por gravidade chega aos extremos da Quinta; O **Poço do Pomar**, a sudeste, abastece o **Tanque da Estufa** e o **Tanque da Nora**. Junto a este tanque existem duas torneiras que comandam as águas para o lago e tanque hexagonal do **Jardim Francês**; O **Poço de Anéis** localiza-se no pomar sul, na zona fronteira ao Solar. Em tempos, a água da **Ribeira de Côja** alimentava o **Lago da Cascata** e a partir daí era distribuída pelos canais de rega dos pomares.

O complexo sistema de condução da água (galerias, canais, condutas e caleiras) e da sua recolha em receptáculos (reservatórios subterrâneos, poços, tanques e lagos) permitiu, ao longo dos tempos, criar reservas de água para rega e, simultaneamente, alimentar estruturas para usufruir da presença e do som da água.

Alguns pontos fantásticos deste circuito, como sejam o original **Lago do Nenúfares**, o singular **Lago da Ilha** ou o tradicional **Tanque da Lavadeiras**, estão ainda em fase de restauro, para posterior deleite de quem os admirar.

No regresso, embrenhe-se na **Rua dos Buchos** e desfrute um repousante passeio no **Jardim Inglês**. Aí se encontram algumas das espécies trazidas por Luís de Albuquerque do Brasil. O **Jardim Inglês** é considerado como uma revolução, um manifesto contra os padrões rígidos e simétricos de outros estilos. Um regresso à natureza. O seu conceito valoriza a paisagem natural, com formas curvas e arredondas tanto no relevo, como nos caminhos e na estrutura dos maciços e bosques. As árvores e arbustos são muitas vezes dispostas de acordo com o porte e a coloração, o que não impede a mistura ou a utilização isolada. As plantas floríferas e perfumadas de pequeno porte podem compor grandes e sinuosos maciços no meio dos gramados. Procura-se a sensação de andar por um bosque antigo e natural, aparentemente com pouca ou nenhuma intervenção do homem. A assumida presença de zonas de sombras e de luz, além de criar magníficas ambiências, potencia o aparecimento de suaves brisas, que deliciam quem por aqui passeia.

Neste jardim, além de admirar o gigantesco porte de árvores com mais de dois séculos, percebemos também a importância da presença da água, no lago e cascata, que se desenham no meio do arvoredo e nos levam para cenários fantasiosos, ou na **Fonte dos Meninos**, num esforço cénico definitivo, com base num pedestal com assinatura póstuma de Bigaglia, em conjunto com Duarte Machado, datado de 1910.

Outros caminhos ficam por explorar, mas este roteiro pretende ser apenas um ponto de partida para uma busca quase incessante, dos inúmeros recantos e pequenos tesouros que a Quinta da Ínsua encerra...